GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL

BEATRIZ CINTA LARGA

POVO *PANDÉÉRÉÉJ*: UMA HISTORIA DE CONTATO

Barra do Bugres
2016

BEATRIZ CINTA LARGA

POVO *PANDÉÉRÉÉJ*: UMA HISTORIA DE CONTATO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Regiane Cristina Custódio.

Barra do Bugres
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C574p CINTA LARGA, Beatriz.
Povo Pandéérééj: uma história de contato / Beatriz Cinta Larga. – Barra do Bugres, 2016.
37 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Regiane Cristina Custódio.

1 . Pandéérééj. 2. Tupi Mondé. 3. Memórias. I. Custódio, R. C., Dra. II. Título. III. Título: uma história de contato.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

BEATRIZ CINTA LARGA

POVO *PANDÉÉRÉÉJ*: UMA HISTORIA DE CONTATO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Deputado Renê Barbour, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 14 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Regiane Cristina Custódio
Professora orientadora

_____
Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

_____
Prof.ª Dr.ª Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Professora Avaliadora

_____
Prof.ª Dr.ª Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

Barra do Bugres
2016

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, que me fortaleceu e que está ao meu lado me guiando em todos os momentos.

Ao meu pai, Francisco Kaban Cinta Larga, meu irmão, Daeit Akat Kaban Cinta Larga e também ao meu tio Naki Kaban Cinta Larga que, infelizmente, faleceu enquanto eu estava fazendo a pesquisa

Ao meu esposo, Eduardo Máám Cinta Larga, e aos meus filhos, Hiago Yud Cinta Larga, Evellin Raylane Cinta Larga e Emilly Mayumi Cinta Larga, que sempre me apoiaram e acreditaram que eu conseguiria conquistar mais esse objetivo.

Enfim, dedico a todas as pessoas que amo e que fazem parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força para prosseguir nesta caminhada, e por ter me proporcionado coragem e inspiração para realizar esta pesquisa.

Ao meu esposo Eduardo Máám Cinta Larga, pelo apoio e incentivo que sempre me motivou e que nunca me deixou desistir

Ao meu irmão Daeit Akat Kaban Cinta Larga, que sempre deu forças para fazer o trabalho e que cedeu algumas imagens para serem usadas no texto.

Ao meu pai Francisco Kaban Cinta Larga.

Também agradeço aos anciões Eduardo Kaban Cinta Larga e Capitão Cinta Larga, que contribuíram significativamente para que esse trabalho se concretizasse, aceitando participar da pesquisa e concedendo uma entrevista, momento em que relataram o primeiro contato com os não indígenas.

À minha orientadora, Profa. Dra Regiane Cristina Custódio, que acreditou em mim, no meu trabalho e se dedicou, não medindo esforços para me ajudar.

À banca examinadora, professor Wellington e professora Waldinéia, agradeço o tempo dedicado à leitura da monografia e as importantes contribuições na ocasião da qualificação. Muito obrigada.

Aos professores do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural, por tudo que nos ensinaram. E também aos colegas, agradeço a vivência compartilhada durante os anos de duração do curso.

Enfim, agradeço de coração a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta monografia resulta de uma pesquisa que foi realizada com o objetivo de registrar uma história do contato do povo Pandéérééj que vive em Mato Grosso, na terra Indígena Aripuanã, com os não indígenas. Esse contato aconteceu no ano de 1974, quatorze anos depois do acontecimento que ficou conhecido como "Massacre do Paralelo 11". O estudo se ancora na oralidade e na memória daqueles que viveram em Mato Grosso, o contato com os não indígenas em 1974. Assim, pode-se dizer que a coleta de dados para esta monografia aconteceu sob a inspiração da metodologia qualitativa, que é diferente do método quantitativo que se fundamenta no pensamento positivista e se preocupa com dados numéricos. O ponto marcante na pesquisa diz respeito à narrativa de dois anciões do povo Pandéérééj que estiveram presentes no contato com os não indígenas. Foi a partir das memórias desses anciões do povo Pandéérééj que a pesquisa foi realizada. A partir da narrativa de quem vivenciou o contato. O método de pesquisa bibliográfica é considerado importante, mas o destaque neste estudo são as entrevistas com os anciões do povo Pandéérééj: Eduardo Kaban Cinta Larga e Capitão Cinta Larga que são os protagonistas da história do contato do povo Pandéérééj que vive em Mato Grosso, com os não indígenas, pois eles estiveram presentes naquela ocasião no município de Aripuanã. Dessa forma nossos dados são de primeira mão conseguidos com quem viveu a experiência. E o que é mais importante, foi o registro realizado na língua materna. Por isso, se pode dizer que, o trabalho é inédito porque somente sendo uma Pandéérééj foi possível ouvir as memórias dos anciões expressas em sua narrativa, na língua Pandéérééj.

Palavras-chave: Pandéérééj. Tupi Mondé. Memórias.

RESUMO NA LÍNGUA MATERNA

Ãe tingi mánga mae pajkini zarééj ine meneka ixu kuja. We mánga waara maa matére zareej ine paxu kuj pue tingi kíí meneka lea waa.Eenatéé máá tuujbi k ata ,watang kaj gupalata eé pajkini mene ixu kuja . Eé tawatang kue mae weparaat na wemanga ungaj e makiaá. Eduardo Kaban Cinta Larga kiââ Capitão Cinta Larga pinaa maaj maam umakubaa wejxukuja mene ma kiaa tããj máá ee tujkinie na ta it nâ.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**

CAPÍTULO 1 – A ORIGEM DO POVO *PANDÉÉRÉÉJ* **15**

1.1 Mito de origem do povo *Pandéérééj* 15

1.2 Modos de viver do povo *Pandéérééj* 17

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E NARRATIVAS **20**

2.1 Procedimentos metodológicos 20

2.2 Entrevista realizada com o ancião Eduardo Kaban Cinta Larga e Capitão Cinta Larga 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS **31**

REFERÊNCIAS **32**

CONSULTORES NATIVOS **33**

APÊNCICE A - Tradução das entrevistas dos consultores nativos da língua portuguesa para a língua materna **34**

ANEXO A - Imagens da casa onde aconteceu o contato do povo *Pandéérééj* **36**

INTRODUÇÃO

Esta monografia foi realizada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural. O título: POVO *PANDÉÉRÉÉJ*: UMA HISTÓRIA DE CONTATO, quer dizer que a escrita está sendo feita a partir de um olhar indígena porque o objetivo é apresentar o que fez com que o povo *Pandéérééj* que vive em Mato Grosso, permitisse o contato com os não índios.

O objetivo geral é então investigar a história do primeiro contato do povo *Paneréé*j que vive em Aripuanã para registrar, a narrativa dos anciões que viveram este acontecimento do primeiro contato.

O contato em Mato Grosso se deu em Aripuanã quatorze anos depois do acontecimento que ficou conhecido como "Massacre do Paralelo 11" em que mais de 3.500 indígenas da etnia *Pandéérééj* foram mortos.

Na notícia veiculada no Jornal "Estadão do Norte" de Porto Velho, Rondônia de 10 de fevereiro de 2006, pode-se ler o seguinte:

> O Massacre do Paralelo 11, ocorrido em 1960, quando morreram cerca de 3.500 Cinta Larga envenenados por arsênico. "Esse assassinato em massa dos índios Cinta Larga foi cometido por pistoleiros a mando de empresários sem escrúpulos, com a cobertura de funcionários do então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), entre eles o major da Aeronáutica, Luiz Vinhas Neves", lembra o indigenista Ulisses Capozzoli. O Massacre do Paralelo 11, como ficou conhecido um dos mais horrendos episódios de que se tem notícia até hoje no Brasil, incluiu do roubo ao estupro, passando por grilagem, assassinato, suborno, tortura e outras agressões que chocaram o então ministro do Interior, general Albuquerque Lima, que mandou demitir um dos principais envolvidos no incidente, o então chefe do SPI, major Luiz Vinhas Neves, responsável pela chacina dos Cinta Larga. Segundo Capozzoli, fazendeiros com ajuda de funcionários do SPI, presentearam os índios com arsênico, veneno letal. "Em algumas aldeias, aviões atiraram brinquedos contaminados com vírus da gripe, sarampo e varíola", recorda o indigenista, que considera o Massacre do Paralelo 11 como um dos mais sangrentos confrontos acontecidos nas matas da Amazônia brasileira. Os pistoleiros, liderados por Chico Luiz, a mando do seringalista Antônio Mascarenhas de Junqueira, invadiram a reserva indígena, armados de metralhadoras e winchester-44 ("papo-amarelo", arma de alto poder de fogo, além de pistolas 38). "Os índios não tinham como se defender sob a fuzilaria deflagrada pelo disparo de Ataíde, mas o grupo só atravessou o rio quando se deu conta de que todos estavam mortos". Acrescenta Capozzoli. (Reportagem do Jornal: "Estadão do Norte-Porto-Velho-RO. 10/02/2006).

Conforme se pode observar do que foi veiculado no Jornal acima citado, as memórias do indigenista Ulisses Capozzoli tornam-se de extrema importância para lembrar um acontecimento que marcou a história do povo *Pandéérééj*, nomeado Cinta Larga, pelos não indígenas. A violência usada pelos não indígenas deixa ver claramente a lógica do sistema

capitalista de ampliar riquezas e aumentar lucros a qualquer custo. A história de aproximação dos não indígenas com o povo *Pandéérééj*, não é uma história amistosa, nem tampouco uma história de paz. A violência e a barbárie dos não indígenas marcou profundamente a história do povo desta etnia no Brasil contemporâneo.

Os mais velhos *Pandéérééj* que vivem em Mato grosso, falam sobre os alimentos envenenados, relatam memórias de situações que envolveram tiros de armas de fogo, além de dinamites que eram lançadas de avião, nas aldeias durante uma festa que acontecia. Então, esses acontecimentos de violência preocupavam o povo *Pandéérééj*.

Diante do que foi apresentado os *Pandéérééj* que viviam, naquela época, em Mato Grosso, consideravam que o contato era necessário porque de algum modo ele chegaria, pois se os não indígenas haviam se aproximado dos *Pandéérééj* que viviam em Rondônia, certamente não demorariam a se aproximar dos *Pandéérééj* que viviam em Mato Grosso, foi o que narraram os anciões entrevistados.

Ao longo desses anos que passaram, desde 1960, o meu povo se mantinha com o que podia para suprir as suas necessidades de lidar com os trabalhos na comunidade, mas em 12 de janeiro 1974 o ancião Eduardo Kaban Cinta Larga e o Capitão Cinta Larga, que eram ainda muito jovens, tiveram a ideia de fazer pela primeira vez o contato com os não indígenas[1].

Embora eles temessem muito o que poderia acontecer com eles, pelo fato do que já havia acontecido aos outros, decidiram que iriam arriscar uma aproximação na tentativa de que pudesse ser amigável para que não acontecesse a eles, o que já havia acontecido aos outros. Por isso, na ocasião do primeiro encontro com os não indígenas, foram somente quatro guerreiros *Pandéérééj* com suas mulheres e crianças que viram pela primeira vez um não índio.

A segunda viagem ocorreu cinco meses depois, com um grupo maior de sessenta e nove, e a terceira viagem aconteceu alguns meses depois.

Quando escolhi este tema para o meu TCC fui motivada pelos relatos de pesquisadores não indígenas que falam sobre o povo *Pandéérééj*. Portanto, pesquisar a história do meu povo *Pandéérééj*, sendo um não indígena é bem diferente do que pesquisar sendo uma indígena *Pandéérééj*. No caso do pesquisador não indígena, ele não tem a possibilidade de realizar uma entrevista com um ancião do povo, na língua materna, por exemplo.

Outro fato que me motivou a fazer este trabalho foi também porque o povo *Pandéérééj* sempre levou consigo uma má reputação devido à sua área estar localizada em região de garimpo, como por exemplo, em Rondônia, onde ocorrem conflitos entre não indígenas e

[1] As viagens duravam em média três a quatro dias, saindo do local em que viviam até o local do encontro, que era mais próximo do que viria a ser, depois, o núcleo urbano do município de Aripuanã.

indígenas, e por isso sofrem discriminação por parte da sociedade não indígena que generaliza os conflitos como se todo o povo fosse agressivo e violento. Quando a mídia mostra, existe uma tendência à generalização. Nesse sentido o meu interesse é mostrar que o povo *Pandéérééj* não é um povo violento no seu modo de ser, mas, a situação que os não indígenas os submeteram, os fizeram violentos. Também apresentar aos próprios indígenas, principalmente aos mais jovens, a sua história sobre como se deu o contato com os não indígenas.

Acredito que quanto mais existirem trabalhos que falem da perspectiva do indígena *Pandéérééj*, quanto melhor para que a história do contato deste povo seja mostrada por uma visão "de dentro". É diferente a história escrita por alguém que faz parte do povo, que é indígena, e a história produzida por um não indígena. Este trabalho então foi todo realizado na perspectiva indígena.

O método de pesquisa bibliográfica foi fundamental para a realização deste trabalho. Assim, uma das importantes leituras durante o percurso de realização da pesquisa foi a dissertação de mestrado de João Dal Poz Neto (1991). O foco da dissertação de Dal Poz Neto (1991, p. 09) é o ritual no qual os Cinta-Larga, cantam, dançam, bebem e ao fim, sacrificam um animal. Ele apresenta uma extensa descrição das etapas do ritual e recorre ao contexto "etnográfico, mitológico e escatológico" em busca de decifrar o código simbólico que é acionado no ritual. E quero chamar a atenção para o termo usado por esse pesquisador não indígena para o nome da etnia. Ele faz uso da expressão "Cinta Larga", que é o nome que foi dado pelos não indígenas. O povo indígena, em sua organização interna, se autodenomina e se reconhece como povo *Pandéérééj*.

Entrevistei então os anciões do povo *Pandéérééj*: Eduardo *Kaban* Cinta Larga e Capitão Cinta Larga que são os protagonistas da história do contato em Mato Grosso, pois eles estiveram presentes naquela ocasião com os não índios no município de Aripuanã.

Outro nome importante na história do contato do povo *Pandéérééj* é Naki Kaban Cinta Larga, porque ele também esteve presente na história do contato, não exatamente no primeiro encontro, mas no segundo a sua participação foi de grande importância porque, segundo o Capitão Cinta Larga, pelo fato de ele ser o mais velho do grupo ele conseguiu fazer com que os demais compreendessem a importância de um contato amigável com os não indígenas, em virtude da própria necessidade do povo *Pandéérééj*.

A partir de então, foi possível que a aproximação dos não indígenas acontecesse em Aripuanã, e tudo isso aconteceu graças a intervenção de Naki Kaban Cinta Larga, que segundo o Capitão Cinta Larga, pode ser considerado uma liderança, e alguém de muito respeito junto ao povo *Pandéérééj*. Naki, que estava muito doente, faleceu durante a realização da pesquisa e

não foi possível realizar entrevista com ele[2].

No que diz respeito aos aspectos linguísticos, o Povo *Pandéérééj* é pertencente à família linguística *Tupi Mondé* e fala a língua pandéérééj. É conhecido como Cinta Larga devido aos não índios que os denominavam por esse nome, por estarem usando uma cinta larga quando ocorreu o contato (DAL POZ NETO, 1991).

Sobre a localização, o povo *Pandéérééj* está situado em quatro áreas não contínuas: Parque Aripuanã (MT), Terra Indígena Aripuanã (Município de Aripuanã-MT), Terra Indígena Serra Morena (Juína-MT) e a Terra Indígena Roosevelt (Espigão do Oeste-RO), totalizando mais de 2,7 milhões de hectares (DAL POZ NETO, 1991)[3]. Entre o povo *Pandééeréj* existem três clãs que são: *Kaban, Kakin* e *Máám*. Dentro desses clãs existem também os subgrupos. Os subgrupos do *Máám* são: *máándúúleej, máágyyj* e *máándereej*. Os clãs *Kaban* e *Kakin* não têm subgrupos.

Segundo o Instituto Sócio Ambiental (ISA), em 1969 a população Cinta Larga foi estimada em cerca de 2.000 pessoas. Em 1981 seu número não ultrapassava 500 indivíduos, numa estimativa otimista. A partir daí a população voltou a crescer, atingindo a casa dos

1.032 indivíduos em 2001 e, em 2003, estimava-se que este número fosse por volta de 1.300 indivíduos.

Ainda sobre a população, o povo *Pandéérééj* somava em 2014, cerca de 1871 (mil oitocentos e setenta e um) pessoas, distribuídas em dois estados, Mato Grosso e Rondônia, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: População do povo *Pandéérééj*:

Município	População

[2] Segundo informações do Instituto Sócio Ambiental (ISA), ao longo de sua história do contato, a relação entre os Cinta Larga e a sociedade nacional é bastante singular: todos os contatos amistosos foram estabelecidos por nítida iniciativa dos indígenas. Desta forma, segundo o próprio Instituto Sócio Ambiental é possível pensar que foram os *Pandéérééj* que pacificaram os "brancos"; feito inédito, em janeiro de 1974 a "pacificação", partiu dos próprios *Pandéérééj* quando narram a visita à cidade. Os *Pandéérééj* que participaram da visita explicam que desejavam obter ferramentas - *dabékara weribáte*: os machados, foices, facas . E rememoram os momentos dramáticos da empreitada, que se deu através de aproximações sucessivas. Observando a rota dos aviões que se tornavam mais assíduos em Aripuanã desde o início do "Projeto Aripuanã" (o Núcleo pioneiro de Humboldt, da Universidade Federal de Mato Grosso), eles vieram para *Paíkini*. E hoje *Paíkini* designa para eles este acontecimento, vocábulo que os moradores de Aripuanã pensaram significar "amigo". Os Cinta Larga queriam encontrar-se sim, e receber os desejados instrumentos de metal - alterando com isso, radicalmente a natureza que até então mantinham com os *Zarey* (não indígena). Em nenhum momento, o texto do instituto Sócio Ambiental (ISA) menciona o acontecimento que ficou conhecido por meio da imprensa no Brasil como "Massacre do Paralelo 11". A história do povo *Pandéérééj* é marcada pela violência e pela crueldade dos não indígenas. Para maiores informações cf. a reportagem: "Relatório 'perdido' expõe genocídio de índios brasileiros", de 25 de abril, 2013. Disponível em: < http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9197> Acesso em: 15 nov. 2016.

[3] As áreas indígenas possuem medidas de áreas distintas. O parque de Aripuanã conta com 1.603,246 hectares, áreas. A terra indígena Roosovelt conta com 230,826 hectares; a Serra Morena possui 147,836 hectares e em Aripuanã a área contabiliza 750,649 hectares (DAL POZ NETO, 1991)

Juína – MT	346
Aripuanã – MT	366
Cacoal – RO	1159
Total	1871

Fonte: SEASI/Secretaria de Saúde indígena, 2014

É comum e de conhecimento geral entre o povo Cinta Larga a existência dos três clãs: *Kaban*, *Kakin* e *Máám*. Dentro desses clãs existem também os subgrupos. Os subgrupos são *Máám*: *Máánduleej*, *Máágyyj* e *Máándúúleej*. Os clãs *Kaban* e *Kakin* não têm subgrupos.

Trata-se de um trabalho de pesquisa que fiz com o meu povo *Pandéérééj* e é um registro feito por mim para saber qual foi o motivo que fez o povo querer ter contato com a sociedade não indígena, então este registro trata do primeiro contato do povo no município de Aripuanã.

Quando tive a ideia de escrever a minha monografia foi porque por eu ser uma *Pandéérééj* seria muito enriquecedor para o nosso povo. Uma pesquisa feita por uma indígena e também a curiosidade que tenho sobre o contato do meu povo, por essa curiosidade que escolhi este tema para minha monografia e como sou professora quero muito saber do meu povo, sobre minhas raízes e tenho muito orgulho de ser uma índia que valoriza a cultura do seu povo.

Realizei um trabalho de pesquisa no Curso de Magistério que concluí em 2010, na cidade de Juína, Mato Grosso e esse trabalho recebeu o título de: "Separação dos Clãs Cinta

Larga". Deste trabalho retirei algumas informações que agora passam a constar neste trabalho de conclusão de curso de Pedagogia Intercultural Indígena, realizado na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Barra do Bugres. A partir de agora, as informações que seguem nas linhas abaixo, se originam do trabalho já mencionado acima. Antes, porém, é preciso dizer que as informações que constam no meu trabalho de magistério foram resultado de entrevistas realizadas com vários anciões das aldeias Cachoeirinha, Areião e Flor da Selva, localizadas em Aripuanã.

A ideia de escrever sobre o contato eu já tinha em mente de um dia escrever, pois quando fiz o magistério no projeto *Hayô* de formação de professores indígenas para o magistério o trabalho de conclusão de curso também falou sobre o meu povo. Depois disto pensei em desenvolver um estudo sobre o primeiro contato do povo com os nãos indígenas. Sei que já existem estudos sobre o povo Cinta Larga e um deles, que recebe destaque é a dissertação de mestrado do professor João Dal Poz Neto (1991). Mais isso não me faz ter receio, pois é diferente. Acredito muito que como sou uma indígena tratarei o assunto numa perspectiva

indígena e a partir do olhar dos anciãos do povo. Tudo isso me motivou.

Moro na aldeia Cachoeirinha que fica localizada a 108 quilômetros do município de Aripuanã. Na aldeia em que vivo vivem também seis famílias e somam uma 30 (trinta) pessoas. A aldeia tem uma escola com uma sala de aula, uma cozinha com despensa e dois banheiros. Toda a escola é feita de alvenaria e atende os anos iniciais. O nome da escola é Escola Estadual Indígena *Pasapkarééj* e nela tem sete salas anexas que corresponde a cada uma das aldeias, e umas delas pertence à minha aldeia. Na escola, em geral, trabalham seis professores indígenas e dois não indígenas, também tem diretor, coordenador e secretaria,

Tenho a certeza que este trabalho vai ser de suma importância para meu povo, e um avanço grande para nós, povo *Pandéérééj*. Este trabalho pode servir como uma fonte de pesquisa para a nova geração, que queiram fazer uma nova pesquisa. Espero que outros jovens possam manifestar o interesse em fazer um curso universitário e que tenham vontade de conhecer sobre seu povo. Dessa maneira, este trabalho poderá ser uma fonte de inspiração assim como os trabalhos que li também foram uma fonte de inspiração para mim.

Este trabalho está organizado em três capítulos: o primeiro com o título: "A origem do povo *Pandéérééj*" traz informações sobre o nascimento do povo, sua origem e organização em clãs. Além disso, traz também os modos de viver do Povo *Pandéérééj,* antes do contato com os não indígenas e após o contato.

No segundo capítulo: "Procedimentos Metodológicos e narrativas", destaco os procedimentos metodológicos para realizar a entrevista com os anciões e o modo como a transcrição das narrativas foi organizada. Nele consta também as narrativas.

CAPÍTULO 1 – A ORIGEM DO POVO *PANDÉÉRÉÉJ*

> O povo Cinta Larga luta, então uma guerra injusta contra o preconceito, a intolerância e a má vontade, ineficiência do Governo Federal. O custo da felicidade tem sido alto, quase impagável para os índios.
>
> Reginaldo Trindade.

Neste capítulo descrevemos a origem do povo *Pandéérééj*, bem como, seu modo de viver.

1.1 Mito de origem do povo *Pandéérééj*

Como destacou Reginaldo Trindade[4], há uma guerra injusta vivida pelo povo *Pandéérééj* que enfrenta o preconceito desde há muito tempo e o objetivo neste capítulo é contar um pouco sobre a origem deste povo. Importante destacar que as informações que se seguem neste capítulo constam em: "Separação dos Clãs" produzido no projeto *Hayô* (BEATRIZ CINTA LARGA, 2010).

As crianças do povo *Pandéérééj* aprendem que antigamente, *Ngurá* (Deus) vivia junto com o seu neto, na terra, mas *Ngurá* não tinha ideia do que seu neto fazia. Enquanto *Ngurá* buscava uma solução para criar novas pessoas desenhando nas pedras, o seu neto fazia relação sexual com o barro (argila), pois a argila sugava o seu espermatozoide, e por isso não conseguia fazer um filho. A argila não possuía útero e num certo momento o neto do *Ngurá* juntou o seu espermatozoide em um ouriço de uma castanha. Foi daquele ouriço que conseguiu dar vida a uma criança que deu origem ao clã *Máám*, segundo contam os mais velhos.

Então, ele começou a criar os descendentes. O primeiro descendente foi o *Máám* (castanheira) pegando um ouriço da castanha quando surgiu dela uma criança, por isso o clã de *Máám* tem sua origem na castanheira. O segundo clã foi a vez do *Kaban* que surgiu de uma fruta da árvore de *kabannaap* (Mirandiba) outra criança. O terceiro foi a vez do *Kakin* que surgiu também de uma fruta, mais dessa vez, de um cipó. Todos os descendentes dos clãs do povo *Pandéérééj* surgiram desta forma.

Nos relatos dos anciões Capitão Cinta Larga e Eduardo Kaban Cinta Larga, havia mais de três clãs, mas com os conflitos que existiam entre os clãs *máángyyééj* e *wabeapbééj*, esses

---

[4] Informações disponíveis em: <http://p.bsocioambiental.org:/ptpovo/cintalarga>

desapareceram. Os que resistiram após os conflitos foram só esses três que atualmente se mantêm. Existem também subgrupos do clã *Máám* que são: *maandúúlééj*, *máángyyjeééj* e *máánderééj*, somente estes clãs têm subgrupos.

Existe ainda uma classificação entre os clãs. O clã *Máám* tem a pele cor morena escura e são altos, os do clã *Kaban* são baixos e gordinhos e os do clã *Kakin* também são altos e a cor da pele é clara, as mulheres *Kakin* têm os cabelos crespos e as mulheres *Kaban* e *Máám* tem os cabelos lisos. São essas as características físicas de cada clã e a partir dessas características físicas era possível reconhecer e saber qual clã a pessoa pertencia. Atualmente essa característica mudou muito, pois hoje tem *máám*, *Kaban* e *Kakin* alto, baixo e gordo. É comum que os indígenas *Pandéééréj* saibam destes fatos.

No começo *Ngura* chamava cada clã pelo nome, mais depois ele escolheu um único nome para todos e os chamou de *Pandéééréj*, que foi usado por todos.

O povo *Pandéééréj* também se reconhece pela região onde mora, como os *Máám* se autodenominavam como *Mbipkareej* os quais estão localizados em sua maioria no estado de Rondônia nos municípios de Cacoal e Espigão do Oeste enquanto a maior parte dos *Kaban* está no Mato Grosso e se reconhecem como *Pasapkaréj*, no município de Aripuanã. Já a maior parte dos *Kakin* vive no município de Juína. Estes se chamavam *Ngaaruluwéj*, mas mesmo tendo todos estes nomes o principal mesmo era o *Pandéééréj* (Beatriz. 2010).

Existe um símbolo que representa a origem de cada clã. Os *Máám* são da castanheira, os *Kaban* da Mirandiba e os *Kakin* da fruta do *Kakinaap* (cipó). O casamento era somente realizado entre diferentes clãs como, por exemplo, o máám casava com uma *Kaban* ou um *Kakin* casava com uma Máám ou também o inverso, as regras eram rígidas e não poderia haver casamento com o mesmo clã, pois seria considerado pecado para eles, caso se casassem, os filhos deles nasceriam deficiente. Portanto o casamento era permitido só com outro clã, quando na maioria das vezes os *Máám* escolhiam as *Kaban* como suas mulheres porque elas eram as esposas ideais para eles, as mulheres kakin não eram boas esposas, pois elas eram muito ciumentas por isso era raro casar com elas.

Sobre o casamento do povo *Pandéééréj*, segundo o Instituto Sócio Ambiental, as meninas costumam casar, pela primeira vez, entre oito e dez anos, sendo que a sogra ficará encarregada da educação da menina, tarefa diretamente ligada ao marido. Isso se dá devido ao casamento avuncular, realizado entre o tio materno e sua sobrinha, uma vez que nesse tipo de união, para a cônjuge, os sogros e os avós maternos são a mesma pessoa. Mas essas informações são segundo o Instituto Sócio Ambiental/ISA, no entanto, atualmente dentro da cultura *Pandéééréj* não há mais esses casamentos arranjados e sob esse aspecto do casamento houve

uma mudança significativa porque antes existia uma obrigação, atualmente as meninas podem se expressar contrariamente à decisão dos mais velhos. Elas já podem falar que não aceitam o casamento e elas mesmas podem escolher seus próprios maridos.

1.2 Modos de viver do povo *Pandéérééj*

De modo geral, a sobrevivência do povo *Pandéérééj* em seu cotidiano é garantida através da pesca, pesca com timbó[5] e caça, plantam alimentos na roça como: mandioca, cará, batata-doce, amendoim. Dos alimentos retirados da roça é feito a chicha que é feita de mandioca, milho, cará, batata doce. Também coletam frutas do mato e mel.

Os anciões narram que antigamente nosso povo vivia só da pesca, caça fazia roças, plantava e, vivia basicamente dos alimentos da roça. Após o contato com a sociedade não indígena mudou muito, pois agora necessitamos de materiais dos não índios, ou seja, após o contato, aumentou o consumo de produtos industrializados, como por exemplo: arroz, feijão, açúcar branco, café, sal, óleo de soja, sabonete, creme dental, dentre outros, e pode-se dizer que a alimentação modificou bastante.

Antes, o trabalho era fazer a roça, plantar e cuidar da roça. Com o contato, nasceu também a necessidade de um trabalho que seja remunerado para que possamos ter acesso aos produtos do supermercado. Por essa razão, recorremos ao trabalho que não éramos acostumados a praticar, não quer dizer que antes o povo não trabalhava o que se quer dizer é que o modo de trabalhar se transformou. Antes, não havia necessidade de dinheiro, atualmente, o dinheiro tornou-se necessário. Assim, ter uma renda familiar é preciso e por isso é necessário trabalhar de forma diferente, claro continuamos com plantações dos alimentos da cultura, porém, o contato com os não indígenas modificou nosso modo de viver, nosso modo de organização, nossa alimentação, nossa rotina cotidiana.

Antes, os idosos indígenas não tinham acesso à aposentadoria. Atualmente, a maior parte deles tem sua aposentadoria garantida. E é importante destacar que grande parte das mulheres tem acesso ao Programa de Governo Bolsa Família[6].

---

[5] O timbó é um cipó e a pesca com timbó é realizada batendo o timbó no rio para que solte a espuma que é uma substância que faz com que os peixes boiem na água, facilitando a captura

[6] Bolsa família é um programa de transferência direta de renda, direcionada as famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo País, de modo que consiga superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. O programa busca garantir a essa família o direito a alimentação e o acesso a educação e a saúde. Informações disponíveis em: <www.inssconsultas.com>

Hoje para ter uma renda familiar, há indígenas que já tem uma profissão definida, muitos são professores, agentes de saúde, agentes de saneamento, isso não é da cultura, mais tivemos que nos adaptar a isso.

Atualmente, também temos um projeto de coleta de castanhas em parceria com a cooperativa "Coopavam, sentinela da floresta"[7], assim aqueles que não tem emprego fixo trabalham na safra da castanha, onde através da Associação *Pasapkarééj*, são pagos os coletores da castanha e assim o povo Pandéérééj consegue ter uma renda.

Esses são os modos de sobrevivência de hoje do povo *Pandéérééj*, com muita luta, para ter o seu lugar no mundo ocidental.

As mulheres confeccionam artesanatos para vender e comprar o que necessitam, mas infelizmente não temos um ponto de venda para esses artesanatos e não temos um projeto que seja diretamente voltado a esse trabalho, por enquanto.

As principais festas tradicionais, danças e pinturas corporais do povo Cinta Larga são: *Íí Wae* [festa da chicha] *Ngunt* a *waéj* que são rituais de recém-nascido, menina-moça, aprendizagem do menino, além dos remédios tradicionais.

Antigamente mesmo quando o povo vivia numa aldeia muito grande, em família, como já citei, no tempo de fazer a roça e plantação o cacique chamava todos os homens para fazer a roça e plantar em uma roça coletiva e as mulheres também ajudavam, quando havia confecção de arco e flechas os homens iam em grupo até a mata para fazer as flechas. Enquanto isso as mulheres cuidavam dos seus filhos e dos seus serviços em casa, faziam comida e também iam a grupo de mulheres até a roça para tirar o alimento para ser consumido.

Atualmente isso não acontece mais, pois tem aldeia distante uma da outra e não há muita união no grupo, o que dificulta o trabalho coletivo. Atualmente não se junta mais, não se une mais como era antigamente. Existe, no presente, um individualismo porque cada um se preocupa com suas próprias necessidades. O presente trouxe muitas transformações, na alimentação, na rotina diária, no trabalho e principalmente na organização e na união do grupo. Uma área grande e em uma aldeia grande nos dias atuais o modo de viver e sobreviver é bem diferente do modo como se vivia no passado.

---

[7] A COOPAVAM atua na região Noroeste de Mato Grosso e está sediada no município de Juruena, atua também nos municípios de Juína, Castanheira, Cotriguaçu, Colniza, Aripuanã, Juara e Brasnorte. Nesta área, superior a 100.000 km2, ela é a única Cooperativa que trabalha com produtos da sociobiodiversidade envolvendo agricultores familiares de assentamentos, aldeões de 3 Terras Indígenas e atende um público de pelo menos 42.000 crianças de 8 Municípios, parte delas, em risco de insegurança alimentar e nutricional. A foi criada em 01/05/2008 no município de Juruena- MT e nasceu do interesse de um grupo de agricultores familiares do assentamento do Vale Amanhecer em trabalhar com os produtos florestais não madeireiros. Informações disponíveis em: coopavam.org.br. Acesso em: 02 de fev. 2016

O povo *Pandéérééj* vive em pequenas aldeias com poucas famílias, isso é uma situação crítica para um povo que era unido, e que hoje vive ás vezes em discordância, é o que se pode observar como efeito do contato com o não índio.

Porém muitas coisas permanecem: o idioma, as festas, as pinturas corporais, os alimentos tradicionais do povo, mas apesar de haver uma certa discordância em relação a alguns assuntos, quando se trata de uma luta pelos nossos direitos o povo se une e o diálogo acontece e é possível observar o respeito às diferentes opiniões, considerando que os mais velhos têm o seu voto de confiança. O que mudou também foram as habitações, pois atualmente vivemos em casas de madeira ou alvenaria e não moramos mais em malocas feitas de palha com várias pessoas. Cada família tem sua casa para morar.

Como nos relatos dos anciões Eduardo Kaban e Capitão Cinta Larga, o que foi marcante foi quando ocorreu o primeiro contato que aconteceu na beira do rio Aripuanã. Eles não sabiam se ia dá certo, pois temiam que o não índio pudesse não entender o que eles diziam e iam acabar fazendo o mal para eles. Uma outra situação muito triste que marcou a narrativa dos anciões foi quando teve a terceira viagem da aldeia para a cidade de Aripuanã em que foi um número maior de famílias ao município de Aripuanã e então muitos contraíram doenças como: gripe, sarampo, malária, dentre outras doenças. Os anciões relataram que ao voltar para aldeia iam morrendo mulheres e homens, jovens e idosos, os anciões relataram que eles presenciaram tudo isso e que foi muito triste, sepultar seus companheiros de lutas, suas esposas e filhos. Foi uma cena muito triste e que ficou marcada nas memórias do primeiro contato com os não indígenas.

A seguir, apresento os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E NARRATIVAS

Tratamos neste capítulo de relatar os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa bem como o modo como a entrevista com os anciões da aldeia Cachoeirinha e da aldeia Areião, de Aripuanã, foi realizada. Além disso, aspectos ligados à transcrição e organização das narrativas, também são mencionados. Neste capítulo trago também as entrevistas realizadas com os consultores nativos, os anciões.

2.1 Procedimentos metodológicos

A coleta de dados para esta monografia aconteceu sob a inspiração da metodologia qualitativa que é diferente do método quantitativo que se preocupa com dados numéricos que está fundamentada no pensamento positivista. O método qualitativo, por sua vez, tem uma orientação que privilegia o paradigma interpretativo. Dessa forma, a racionalidade cede espaço à subjetividade (MINAYO, 1994).

A pesquisa qualitativa é importante na perspectiva desta monografia por abordar a dimensão social da realidade em um nível que não pode ser quantificado ou reduzido a variáveis quantitativas; por estudar os significados, os motivos, as aspirações, as crenças e atitudes de grupos sociais diversos é que a metodologia de pesquisa qualitativa traz a sua contribuição, é o que diz Duarte (2006); Minayo (1994). Esta metodologia permite um aprofundamento no nível dos significados das ações e relações humanas e possibilita que sejam identificadas as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos, segundo Viertler (2002).

Para realizar o trabalho entrevistei os anciões Eduardo Kaban Cinta Larga e o Capitão Cinta Larga. Eu tive uma oportunidade de entrevistar os dois, simultaneamente, num evento que aconteceu no município de Aripuanã no mês de agosto de 2015, de 17 a 21, um evento que a empresa Votorantim realizou em uma oficina sobre as habitações históricas do povo e reuniu todos os *Pandéérééj*, e nessa ocasião entrevistei os dois com o meu celular gravando as falas deles e também filmando a entrevista com um segundo equipamento.

A entrevista foi realizada na língua materna pandéérééj. Depois da realização da entrevista pensou-se em transcrevê-la na língua materna e só depois, traduzi-la para a Língua Portuguesa. No entanto, optei por realizar a transcrição da entrevista em língua portuguesa, diretamente, pelo fato de ser mais viável em relação ao tempo hábil. E em se tratando de tempo hábil é que decidi por transcrever apenas partes da entrevista que dizem respeito diretamente

ao objeto de estudo, que é o primeiro contato dos indígenas com os não indígenas. Apesar disso, após a transcrição da entrevista para a língua portuguesa, ela foi traduzida para a língua materna.

Realizei também pesquisa bibliográfica e fiz leituras no site do Instituto Sócio Ambiental (ISA) que ajudaram a organizar o texto da monografia, uma delas já citada é a dissertação de mestrado de João Dal Poz Neto (1991).

A entrevista foi realizada no dia em 14 de agosto de 2015 e antes da entrevista foi feito um convite aos anciões para participarem da pesquisa. Na ocasião da entrevista fiz perguntas do tipo: Como aconteceu o primeiro contato? Como foi o primeiro contato? Por que resolveram fazer contato com o não índio?

2.2 Entrevista realizada com o ancião Eduardo Kaban Cinta Larga e Capitão Cinta Larga

A entrevista ocorreu no balneário Oásis onde estava acontecendo uma oficina de habitação histórica do povo *Pandéérééj*. Naquela ocasião perguntei para os anciões se eles poderiam conceder parte do seu tempo para uma entrevista que queria fazer com eles, expliquei qual era o objetivo da entrevista, então eles aceitaram conceder a entrevista. A entrevista aconteceu no dia 14 de agosto de 2015 com duração de 1h:45 minutos e foi realizada na língua materna, e, depois, foi transcrita e traduzida para a Língua Portuguesa, e só então, foi colocada, novamente, na língua materna. Abaixo, segue a transcrição da entrevista com os anciões.

Ao serem indagados sobre como aconteceu o primeiro contato os anciões narraram:

> Antes eu vi os brancos sozinhos de longe, e contei para o meu sobrinho, então ele queria também ver, então viemos em quatro pessoas para fazer o contato. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).
> Não, foram seis pessoas uma mulher nossa mãe (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).
> É mesmo! Agora me lembro. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Segundo Maurice Halbwachs (2006) é na história vivida que as memórias se apoiam. E nesse sentido, ao rememorarem um mesmo acontecimento vivido pelos dois, as memórias do ancião Capitão servem de apoio às memórias do ancião Eduardo quando ele se recorda de que eram seis e não quatro pessoas que estavam juntas na ocasião do primeiro contato.

Ao serem indagados sobre como foi o primeiro contato, o ancião Eduardo narrou:

> [...] e viemos pela mata até chegar num ponto que ouvimos um barulho, perto do rio e quando avistamos uma canoa que seguia a lagoa, então falei para os que

> estavam comigo agora é a hora, e onde pedi para se esconder atrás de uma árvore, pois temia que algo podia acontecer, e pois vocês tem se esconder para sobreviver, que vou ficar na frente e me apresentar para eles, e aconteceu o que eu pressentia que pudesse acontecer, quando eu disse *paikini pama amuj* [nós encontramos homem branco] aí o homem branco soltou da boca fumaça de cigarro e ficou espantado. Eu me dirigi a ele dizendo novamente *paikini pama*, e neste momento ele sacou a espingarda apontando para nós, eu disse para os meus companheiros ele vai nos matar. E fiz um sinal com mão, não queremos brigas viemos em paz. Enquanto ele continuava apontando para nós, mas antes que ele atirasse em nós apareceu um outro branco tirando a espingarda dele, então esse percebeu que estávamos ali em paz, e disse para o companheiro dele não faz isso parece que vieram em paz. Logo em seguida fez sinal chamando para mim seguir ele até o barraco e fomos, então pedi para os que estavam escondido para aparecer em seguida fomos de canoa ao barraco deles. Então aí cada um de nós abraçamos eles eu fui abraçar logo quem estava apontando a arma para mim eles ficaram tão espantados que tremia o corpo todo quando nos abraçava, então disse viu? Nos não quer briga queremos paz, e disse vai vim mais gente, vamos voltar novamente em número maior de pessoas. E achou que tinha entendido. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Na cena narrada a lembrança do espanto ao encontrar o homem branco e, mesmo com o temor da presença da arma, os Cinta-Larga foram até o barraco onde eles estavam alojados. Naquela situação os Cinta-Larga, que já estavam organizados e preparados para encontrar os não indígenas, levavam consigo presentes como cocares, colares e flechas. Ainda que soubessem que o encontro poderia não ser amistoso, havia muita expectativa para o primeiro contato.

Para Henry Rousso (2002, p. 95) as memórias são componentes absolutamente necessários na (trans)formação das identidades dos sujeitos, das percepções de si e dos outros, daqueles com os quais conviveram ao longo de suas experiências de vida em contextos sociais distintos. O autor fala da memória como reconstrução psíquica e também intelectual que traz ativamente uma representação seletiva do passado, e esse passado não é apenas o daquele que recorda, mas também do coletivo no qual o recordador fez/faz parte. Nessa perspectiva, realizar a entrevista com os anciões, conjuntamente, foi bastante interessante porque quando um deles esquecia algum detalhe, o outro o ajudava a lembrar.

O ancião Eduardo quando narra o que aconteceu naquela ocasião do primeiro contato, se coloca como um narrador que consegue imprimir sentimento àquela vivência. Seus gestos são de emoção, ele ri, fala alto, quase grita, e é possível perceber que ainda no presente, distante no tempo do acontecimento vivido, a emoção tem um lugar expressivo[8].

Ao rememorar o primeiro contato, o ancião Capitão relatou que aquela situação foi a

---

[8] Norbert Elias (1994, p. 07) considera que as memórias são tomadas como construção psíquica e intelectual, que produz uma representação seletiva dos acontecimentos vivenciados por um sujeito, portanto, não trazem as representações do indivíduo como "[...] uma entidade existindo em completo isolamento [...]". As narrativas dão a ver que aquele que narra se revela como alguém inserido num contexto social, familiar e cultural.

primeira vez em que vestiram roupas. Segundo sua narrativa:

> [...] vestimos pela primeira vez roupa, foi daí que conhecemos o uso de roupa a partir deste momento que estamos vestindo roupa. E os brancos nos vestiu com a suas roupas. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).
> Então o branco tirou das nossas cabeças os nossos cocares e colares. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Ao falar sobre as razões que motivaram o primeiro contato, o ancião Capitão relatou:

> Foi por necessidade, pois necessitávamos de ferramentas como: facão, machado, panelas, roupas, calçados entre outras ferramentas e utensílios, pois precisávamos faca para apontar as flechas. Antigamente não tínhamos essas ferramentas, foi por isso que resolvemos fazer um contato pacifico, foi por isso, nós não queria atacar os brancos, porque o nosso objetivo era conseguir as coisas que precisava, mas nós não imagina que nós ia usar roupa pra sempre, pois nós queria era só as ferramentas que cortasse. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

O que se pode observar do relato do ancião Capitão é que o primeiro contato com o não indígena mudaria substancialmente os modos de viver do povo *Pandéérééj*.

Na sua narrativa estão presentes uma apreciação sobre o primeiro contato, para ele houve aspectos positivos e negativos. O ponto positivo é ter conseguido as ferramentas e tê- las hoje, roupas, pois naquele tempo não usavam roupas, o uso de panelas, e outros utensílios. O ponto negativo são as doenças, o preconceito e a discriminação e muita morte dos parentes, além de perdas das práticas culturais, como por exemplo, caçar com flechas. Hoje em dia isto está sendo deixado de lado, a entrada de bebidas alcoólicas, pois isso não é da cultura *Pandéérééj*. Mas, mesmo assim, ele se considera feliz por ter feito o contato com o não índio, pois apesar das coisas que mencionou, o povo está bem e isso é o que importou. A intenção do contato nunca foi para querer o mal, ao contrário “sempre quis o melhor e quero o melhor para o nosso povo”. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

O ancião Eduardo, explicou que já haviam se organizado para o primeiro contato e que no que dependesse deles, não ia haver violência, embora temessem que pudesse haver violência da outra parte. Segundo ele:

> [...] antes de fazer o contato planejamos como ia acontecer, então falei não vamos fazer como outros que fez, que matou um, vamos em paz, se precisamos das coisas então vamos em paz. Então te digo sou a pessoa que esteve a frente deste acontecimento. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Além do primeiro contato, houve ainda outras viagens. E sobre a segunda viagem, o ancião Capitão narrou:

> [...] na segunda viagem viemos em número maior, como tinha falado, mas foi no mangueiral onde hoje é um bairro, onde o cacique dos brancos os chamou para dançar, e neste dia tiraram as fotos onde estamos cantando em quatro[9]. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

O ancião Capitão observou que no grupo dos não indígenas também havia um líder, que ele chamou de "cacique dos brancos". Ele falou um pouco também sobre a terceira viagem, e que para ele foi uma das mais marcantes pelo impacto que causou no grupo. Segundo ele, nas primeiras viagens, eles foram ao encontro dos não indígenas em um número reduzido de pessoas. Porém, na terceira viagem, foram muitos, eram mais de trezentos.

> Foi na terceira viagem que adquirimos as doenças, pois como vivíamos na mata nós não tinha doenças, e quando fizemos o contato tivemos um grande impacto e fomos contaminados com gripe. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Em relação à terceira viagem o ancião Eduardo considera que talvez possam ter colocado uma substância na comida para os indígenas ingerirem porque eles não ficavam doentes. Eles eram saudáveis e pelo número de mortes que aconteceu após o terceiro contato eles imaginavam que estivessem sido envenenados. No entanto, ao refletir, no presente, sobre o que aconteceu naquela ocasião, ele considera que foram mesmo contaminados por doenças como a gripe, a malária e o sarampo e quando retornaram para as aldeias aconteceu o que eles chamam de "uma tragédia".

O ancião Eduardo explicou que antes de acontecer o primeiro contato, eles observaram que um avião sobrevoava e eles pensavam que o avião era um grande gavião. Eles até pensavam que seria possível atingi-lo com a flecha para fazer uso de suas penas para confeccionar flechas. No entanto, atualmente, quando falam sobre o assunto, riem muito. Depois eles souberam que o avião levava os funcionários da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Estavam no município de Aripuanã mais de trezentos indígenas e foi ideia de Naki Kaban Cinta Larga retornarem para a aldeia e foi naquela viagem de retorno que aconteceu os efeitos das doenças, segundo narra o ancião Capitão:

---

[9] Ele faz referência à foto que está na capa deste trabalho

> [...] e quando voltamos para aldeia fomos já sentindo o efeito da doença e quando os primeiros foram morrendo no caminho, foi muito triste. Antigamente nós era muitos por isso teve essa grande perda. Foi isso que aconteceu o primeiro contato do nosso povo aqui em Aripuanã, fizemos isso por necessidades, e hoje estamos aqui entre eles, pela nossa iniciativa que tivemos em fazer um contato pacífico com o homem branco. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

Sobre o retorno da terceira viagem, o ancião Eduardo, explicou que saíram antes que a FUNAI chegasse ao município de Aripuanã. Eles fizeram o contato por conta própria porque não sabiam que podiam contar com o apoio da FUNAI para realizá-lo. Eles se aventuraram e se arriscaram, em função das ferramentas que eles precisavam para trabalhar na aldeia. A FUNAI, no entanto, soube sobre o contato depois.

No momento em que a representação seletiva do passado vai aparecendo nas narrativas, nas memórias dos sujeitos que rememoram, é possível perceber a inserção em um contexto social, coletivo. Nesse contexto, Halbwachs (2006), afirma que toda memória individual é também social. O ato de relembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação de identidades.

Caminhando para a finalização da entrevista aproveitei a oportunidade para agradecer aos anciões por dedicarem seu tempo e concederem uma entrevista. Foi um momento bastante significativo e optei por transcrever essa parte da entrevista:

> Beatriz: obrigada por conceder um pouco do tempo de vocês, pois o trabalho para mim é muito importante e que permite registrar o acontecimento do primeiro contato.
> (...) eu que fico feliz de saber que escolheu este tema. (Ancião Eduardo. Entrevista realizada em 14/08/2015).
> (...) também fico feliz de retribuir para você realizar o seu trabalho. Ficamos felizes de saber que tem curiosidade de saber sobre nosso povo. (Ancião Capitão. Entrevista realizada em 14/08/2015).

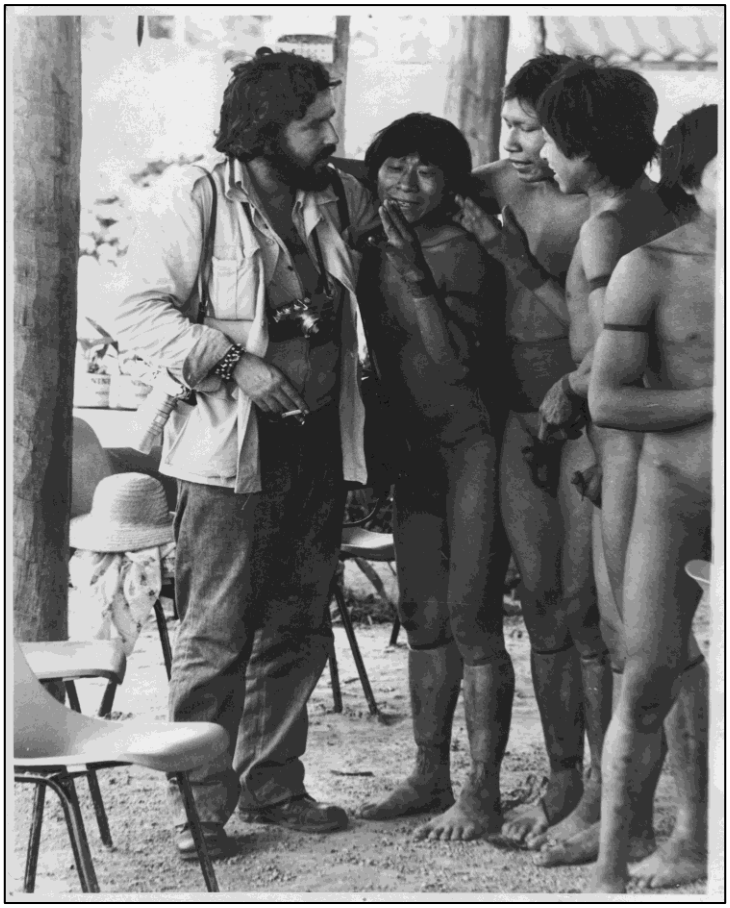
Após desligar o equipamento de gravação, ficamos por um tempo ainda conversando sobre o primeiro contato e os anciões rememoraram algumas cenas vividas e repetiram na narrativa muito do que já haviam dito. Era possível perceber nos gestos o quanto a experiência do primeiro contato foi marcante para eles.

Janaína Amado (1997, p. 135) afirma que as narrativas, mediadas pela memória, permitem que os informantes reelaborem suas vivências individuais e coletivas. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite que as trajetórias involuntárias das lembranças e associações de lembranças sejam rastreadas, além de possibilitar também que se compreendam os diversos significados que indivíduos e grupos sociais atribuem

às experiências vividas.

As fotografias abaixo foram concedidas pela antropóloga Maria Ines Hargreaves e faz parte do acervo particular de Daet Akat Kaban Cinta Larga. Não se sabe ao certo quem realizou o registro. Mesmo assim, elas foram selecionadas para constar nesta monografia.

Na imagem abaixo, da esquerda para a direita estão: Eduardo Cinta Larga e depois o Capitão, os demais já faleceram.



Na imagem seguinte, que, também foi registrada no primeiro contato pode-se ver, da esquerda para a direita, Eduardo Kaban Cinta Larga e o Capitão Cinta Larga, o terceiro é Daeit Akat Kaban Cinta Larga e o quarto, Manzejpi petjap Cinta Larga, ambos já falecidos. A criança é Paulo Kaban Cinta Larga[10].

[10] Ao final deste trabalho, no apêndice 02, a imagem atual desse lugar onde aconteceu o encontro com os não indígenas em 1974

Por ocasião de uma atividade de etapa intermediária foi realizada uma entrevista, no primeiro semestre de 2016, por dois acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural: Fátima Cinta Larga e Luiz Cinta Larga, com Paulo Kaban Cinta Larga, a criança que aparece na imagem acima. Agora adulto, Paulo narra suas memórias daquelas vivências de sua infância.

Os acadêmicos entrevistadores Fátima e Luiz, gentilmente cederam a narrativa de Paulo Kaban Cinta Larga para que pudesse constar nesta monografia, porque consideram importante registrar a história que ele relatou, pois ele é umas das poucas crianças daquela época que vivenciaram o acontecimento do contato dos *Pandéérééj* que vivem em Mato Grosso.

Assim, ao dar visibilidade à sua narrativa, pensamos que estamos valorizando a

experiência que ele viveu naquela ocasião e também o seu conhecimento, bem como a sua própria vida. Segue abaixo, a entrevista que Paulo Kaban Cinta Larga concedeu aos acadêmicos, Fátima e Luiz, na íntegra:

> Bom em primeiro lugar vou me apresentar sou Paulo Kaban Cinta Larga moro na aldeia Areão no município de Aripuanã, vou contar um pouco do nosso primeiro contato aqui nesta cidade, no meu idioma, que é mas fácil para mim, eu lembro que vim com meus pais, nós fomos procurar o não índio eu acho que eu estava com cinco ou sei anos, me lembro que foi seis pessoas na aquele dia e só eu como criança e umas dez mulheres, mas também não tinha ideia o que estávamos atrás, assim nos chegamos aqui hoje no lugar chamado de Aripuanã. Quando nós chegamos eles pediram para nos sentar, me lembro de que tinha mesa e muita gente que era os não índios também não lembro muito bem, também acho que dormimos. Só ficamos um dia, assim o não índio entregaram caixa de facões e faquinhas machados cobertores ai eu percebi que a gente estava atrás dessas coisas que achávamos bonitos. Assim voltamos para aldeia com a as coisas que ganhamos. Logo a noticia se espalhou por todas as aldeias que tínhamos ganhado objetos por lá, meu pai mostrou que ele tinha ganhado dos não indígenas como, por exemplo, facões e outras coisas. Com isso toda comunidade das aldeias decidiu ir lá também conhecer como era este lugar, acho que foi 25 aldeias mais ou menos, sei que foi muita gente. Assim primeiro eles fizeram uma festa para despedir, ou dar sorte ou espantar o azar, quando amanheceu nos saímos para Aripuanã lembro que tinha filas grandes eu acho que mais de cinco km era a fila tinha umas 500 pessoas. Quando chegamos na beira do rio Aripuanã nós ficamos com medo dos não índios, assim eles avisaram para FUNAI que os índio tinham chegado e que eram muitos também nós os índios enfeitados com penas de aves e cocares mas dessa vez eu também cheguei primeiro por isso eu lembro muito bem como fui, fiquei admirando chegaram muitos barcos para nos buscar, mas eles já sabiam o que nos estávamos querendo aí eles distribuíram facões e machado para cada pessoa, acho que ficamos três dias, os não índios pediram para esperássemos um pouco mais, assim veio dois índios que já tinha contato com os não índios, eles tinham vindo lá de Rondônia para falar com nós, aí que eles falaram sobre a FUNAI, fiquem aqui que eles vão vir buscar vocês, nosso povo não sabia qual era o significado de FUNAI e ficamos com medo e mesmo que o não índio explicasse o que era FUNAI nos não entendíamos, tentaram falar que tinha enfermeiro que ia dar remédio para aqueles que estavam com tosse, com isso parte da tribo começaram a adoecer tinha muita tosse, aí nós decidimos voltar para nossas aldeias, eles não sabiam que já estavam muito doentes e iam morrer, quando acabamos de sai chegaram aviões para nos buscar, mas já estávamos na mata e não deu certo. Os parentes já não conseguiam andar, eu me lembro quando uma mulher caiu com nenê no colo no meio do caminho eu fiquei muito triste mas também não tinha como ajudar ela e o nenê ficou chorando querendo colo, mas não tinha como ajudar porque todos estavam muito fracos. Me lembro que as pessoas começaram passar mal no caminho alguns morreram e eu passei por estas pessoas. Assim chegamos na aldeia que hoje é chamada de Taquaral, ali ainda muitas pessoas morreu no chão, nas suas redes, nas malocas e não foram enterradas porque estavam todos doentes e não tinham condições para isso, depois cada um foi para suas aldeias e nós fomos para a nossa. Me recordo que voltamos só em sete pessoas da minha família. A maioria das pessoas das aldeias morreram, meus pais também não me ajudaram por que eles não estava bem, todo mundo estava passando muito mal não sei como nos sobrevivemos acho que foi Deus que não deixou nos morrermos na estrada também, mas com dois dias depois que chegamos em nossa aldeia minha mãe morreu, meu pai enterrou minha mãe dentro da nossa maloca como é de nossa tradição, mas a aldeia estava com cheiro muito forte porque muitos parentes ainda estavam morrendo por ali, nós fomos acampar longe da aldeia para morrer lá, pensamos que íamos morrer também, mas graças a Deus sobrevivemos e ali começamos melhorar um pouco. Mas nós ficamos muito magros. Me recordo que só nossos ossos apareciam, foi muito triste. Depois de dois meses alguns parentes sobreviveram, aqueles que sobreviveram se juntaram para ver quantas pessoas tinham

> sobrevivido depois dessa tragédia. Hoje fico pensando que com todas essas doenças que pegamos que até hoje não sabemos o que foi a maioria do nosso povo morreu. Por que nós não tínhamos tomado nenhum remédio como vacinas, só aí percebi então a importância dos medicamentos. Hoje entendo porque o povo Cinta Larga morreu nesta tragédia.

Sua entrevista foi mais extensa do que a entrevista dos anciões porque os entrevistadores o deixaram falar livremente sobre o assunto do contato. O que ele narra permite que se possa ver que agora, na condição de adulto, ao falar sobre aquela situação vivida no passado, Paulo realiza uma interpretação do que ele viveu. Em alguns momentos ele analisa a situação vivida na infância porque agora ele está em outro tempo, o presente.

Suas memórias são carregadas de dor e sofrimento e ele fala sobre a história de seu povo de uma forma muito solene. O Paulo adulto presenciou quando criança uma tragédia sem precedentes. Perdeu a mãe, viu muitas pessoas da família morrerem sem ter a mínima condição de ter sepultamentos de acordo com os modos de viver da cultura pandéérééj.

É possível observar na narrativa de Paulo Kaban Cinta Larga uma condição próxima a de outros grupos indígenas no Brasil do século XX. O contato com os não indígenas quase dizimou a população dos Cinta-Larga.

Retomando pontos do relato do ancião Capitão, o primeiro contato com o não indígena mudou substancialmente os modos de viver do povo *Pandéérééj* e a história desse povo ficou marcada para sempre após sua inserção na sociedade não indígena.

Abaixo duas imagens. A primeira delas mostra, da esquerda para a direita, o Capitão Cinta Larga e Eduardo Cinta Larga. A segunda imagem, da esquerda para a direita mostra Paulo Kaban Cinta Larga e os consultores nativos: Capitão Cinta Larga e Eduardo Cinta Larga. Essas duas imagens foram tiradas por mim na ocasião da entrevista no dia 14 de agosto de 2015 e fazem parte do acervo da pesquisa.

MOTORCYCLE

ATHLETE
ORIGINAL TEAM
MOTORCYCLE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho percebemos que de fato a situação do primeiro contato foi trágica para meu povo. Tanto no relato do não índio quanto nos depoimentos dos anciões entrevistados ficou claro que foi muito prejudicial para nosso povo. No entanto os relatos apresentam diferenças substanciais, como dissemos anteriormente. Sobretudo no que diz respeito ao número de *Pandéérééj* mortos, por doenças do não índio e ou mortos intencionalmente, o que até hoje marca uma manhã trágica na história do povo *Pandéérééj* e na história do Brasil contemporâneo.

Ao realizar esta pesquisa foi muito importante para mim como pesquisadora indígena, pois assim pude saber mais sobre meu povo *Pandééeréj* e como uma valorização que tenho pelo meu povo, onde pude descobrir que o meu povo é forte e são guerreiros vitoriosos, apesar do que aconteceu com o nosso povo eles não desistiram e seguiram em frente no objetivo deles. Levo essa lição comigo que nunca devemos desistir dos nossos objetivos, por mais que seja difícil. Uma coisa que aprendi ao fazer este trabalho foi que os anciões nunca quiseram desistir dos seus objetivos de querer fazer o contato para conseguir as ferramentas, isso foi um grande aprendizado que me passaram apesar de não falar a língua portuguesa naquele tempo eles demostram muita coragem em tentar aproximação com um grupo de pessoas que eram completamente diferentes deles em tudo. Eles correram riscos, mas não desistiram de colocar em prática o plano deles.

E também este trabalho de conclusão de curso será como uma fonte de pesquisa para as novas gerações de pesquisadores indígenas que queiram conhecer a historia do nosso povo *Pandéérééj*.

Como já cito que foi importante para mim, acredito que para meu povo é também importante, pois os anciões entrevistados me disseram que estavam felizes de saber que as memórias deles seriam ser historiadas por mim. Por isso foi muito importante realizar este trabalho sobre o contato do povo *Pandéérééj* do munícipio de Aripuanã, assim aqueles que não sabiam como o povo *Pandéérééj* de Aripuanã fez o seu primeiro contato, agora podem saber.

Portanto foi um grande aprendizado que tive de poder fazer este trabalho com o meu povo *Pandéérééj* e me sinto orgulhosa de pertencer a esse povo guerreiro.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. Projeto História. Revista do Programa de Estudos-Pós-Graduados em História e do Departamento de História/PUC/SP. São Paulo. nº 15. 1997. p. 125-136

CRIAÇÃO DA COOPAVAM. Disponível em: <coopavam.org.br>. Acesso em: 02 fev. 2016

DAL POZ NETO, João. **No país dos Cinta Larga**. Uma etnografia do ritual. Dissertação de Mestrado em Antropologia. USP: São Paulo, 1991.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. **In: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). São Paulo: Editora Atlas, 2006. Cap. IV, p. 62-83.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. Cap. I, p. 9-29.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2002. p. 93-101.

SOBRE O POVO CINTA LARGA. Disponível em: <www.pib.socioambiental.org>. Acesso em: 23 set. 2014

SURVIVAL, José Idoyaga. **Relatório 'perdido' expõe genocídio de índios brasileiros**. 25 de abril, 2013. Disponível em: < http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9197>. Acesso em: 15 nov. 2016

VIERTLER, R.B. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia**. In: AMOROZO, M.; MING, L.C.; SILVA, S.M.P. (Ed.) Seminário de Etnologia e Etnoecologia do Sudeste, 2001. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2002, p.11-29.

CONSULTORES NATIVOS

EDUARDO KABAN CINTA LARGA. Entrevista realizada em: 14 de agosto, 2015.

CAPITÃO CINTA LARGA. Entrevista realizada em: 14 de agosto, 2015.

APÊNCICE A - Tradução das entrevistas dos consultores nativos da língua portuguesa para a língua materna

Beatriz: âna te éé meremánga pajkiniejaa?

Pandyng Eduardo: meremánga mââ nazereej ikini nderîn mbulik tasaraa., èna mánga mââ wepanâ uuppep kaja, éwe mââ etee we ikiniê kalaa, mánnga tuma'ulu 4 te pandereej na wekuja, tumatúú ta kaja.

Beatriz: âna te weja etekepia?

Pangyyj Eduardo: epi tuma'ulu nga mi, ée taperepia, II ndembi kaa, mánnga tumââ ibaap ikini ée ikat kuj sakara, éena mánaga buk tuja ée tumatuú zarej kaja.

Menga tumââ tupi kanzet takaja, ée paaka ade tasalaa kanzera, eweneku buwa mereambakap ééj kaj kââ mêêj palajkala kanzet kinapua.

Èena mánnguj teet buk éé nzat ja ngupakue ka kanzer apíí ungaj kinapua, mánaga buk xiku mi maxu ding já abijâ kinapua, éena mánnga téé buwa xitêê kaj pajkini pamâ ambuja kââ kaj kinapua.

Éepi téé bukja matpéé pabe xipu manga kââ ungaj kinapua eweka buk wa mereambakap ééj kaj jemanga paakalaa kinapua, éewe ka buwa kaj mabe mi tee aû tumánga túújambaa menekala kaj kinapua, eteke téé buk mââ nzat já mbatpéé iki PI kinapua.

Épe téé buk wakaa éé nzat bulaa ma'ââ kinapana, mánnga téé buwa nzat kaj pamakaa, mêêj kerep kuja kinapua, mánnguj bu tuja kaa takerep kuj ibááp tat kinapua.

Éekuj buwa takaj mabe mi téé ngupalata Ta kaj kinapua.

Beatriz: te etéé mêêja éé pamatúú meremángáá?

Pangyyj Capitão: taja tupi ngatpe, makalâj, xiripu saa maánn ajap iki kinapua.

Beatriz: meêka te meja, mêêj matuu nzarééj kaja?

Pangyyj Capitão: tu Pat kala kíí tûûjndee mene ka tuja ena kinapua, túú jap xipu kujikip kala kii mene ijaa etéé taja tukaj mukup serek mâ'îî kinapua, etekepi téé bu panza jê bukup serek ta pangaj kinapua, éétéé bu parekaa, ndabe atúú, nabe kabaa, nabe ky, nzarap, mukup sek saa Máánn kala kii tûûjndee menekaa tuja tumatúú nzarej kaj kinapua.

Mánnga nde tuja ééna panza narééj pukup serek ta atuulawa, éé ndabe tetéé kala kââ mánnguj panza jena kinapua.

Beatriz: te mêêja até xitêê mêêj matuu kii takaja? Ana tewe jaenaa?

Pangyyj Capitão: xitêê tukajndêê mánnguj tumakaa ngulua ta kuja, ée kukj buk ta sapbijaj já ibala tupina kinapua, éewe pi mánnguj unde tja tukaj puusut pina máánn mawa tukaja, manga bu tuja tukaa túújbi kuj mánnguj wepira kii ma'ééj kaj kinapua, ééwe ka téé bu tuja tupajala túújbi ajap pi kinapua, FUNAI, ééj ajap amyyryki kinapua, mantere nde paja puesure ta kii paajtja kinââ, ée je Aripuanã ka tûûjndee éé tumatúú menepi téé bu panza je puesure ta kii kinapua.

Beatriz: éena téé maenalaa, ngutêê mánga je wekuj mêêj indêê menekalaa.

ANEXO A - Imagens da casa onde aconteceu o contato do povo *Pandéérééj*

Imagem da casa onde aconteceu o contato do povo *Pandéérééj* (que vive em Mato Grosso, no município de Aripuanã) com os não indígenas, em 1974. Foto registrada por Beatriz Kaban Cinta Larga em julho, 2016. Local onde foram tiradas as fotos dos indígenas (p. 25). Pensamos que a casa poderia ser tombada como patrimônio histórico.